



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante visita ao projeto Gasoduto Sudeste-Nordeste e primeira solda do Gasoduto no trecho Catu/BA-Cacimbas/ES

Catu – Bahia, 09 de maio de 2008

Eu não ia falar, mas tem um problema que quando eu vejo um microfone, me dá cócega na garganta e eu fico com vontade de falar, e vou dizer algumas palavras.

Primeiro quero cumprimentar o nosso querido companheiro, governador do estado da Bahia, Jaques Wagner,

Nossos ministros,

Companheira Dilma Rousseff, da Casa Civil,

Márcio Zimmermann, interino de Minas e Energia,

Companheiro Geddel Vieira, da Integração Nacional,

Senadores César Borges e João Durval,

Prefeita de Catu, Gilcina Lago Carvalho,

Prefeito de Pojuca, Carlos Eduardo Bastos,

Nosso querido companheiro, José Sérgio Gabrielli, presidente da Petrobras,

Cumprimentar o cônsul-geral da China Li Jiaoyun,

Quero cumprimentar o José Sérgio de Oliveira Machado, presidente da Transpetro,

Paulo Godoy, presidente da Associação Brasileira da Infra-Estrutura de Indústrias de Base,

Nosso querido companheiro Luiz Gonzaga Belluzzo, um dos grandes economistas deste País, que veio conhecer Catu,

Companheiro Anisvaldo Bonfim Daltro, diretor do Sindicato de Químicos e Petroleiros,



Cumprimentar os companheiros empresários,
Diretoria toda da Petrobras aqui presente,
Companheiros e companheiras da Sinopec,

Quando a gente encontra uma mãe com uma criança no colo, a gente fica só olhando as virtudes daquela criança e a gente não lembra do sacrifício que a mãe teve para carregar aquele filho nove meses na barriga. Parece tudo fácil depois que nasce. Este Gasene é um pouco isso.

Eu lembro que o Gasene foi a única tomada de posição do governo que eu coloquei em votação. O Wagner era ministro, estava presente, a companheira Dilma estava presente, o José Sérgio Gabrielli estava presente. Nós tínhamos uma dúvida se a gente iria fazer o Gasene com os japoneses ou com os chineses. E por uma opção estratégica, de estabelecer uma relação mais forte com a China, nós tomamos a decisão de fazer com os chineses, isso em 2004. Já estamos em 2008 e somente hoje eu vim dar o primeiro ponto de solda no nosso famoso Gasene, em uma demonstração de que os nossos companheiros chineses são duros na negociação. Quando eu me encontrar com o Hu Jintao, eu vou falar para o Hu Jintao que ele precisa flexibilizar mais os companheiros chineses, porque eles são duros na queda.

Eu quero ressaltar a importância dessa parceria da Petrobras com a Sinopec. O mundo está, a cada dia que passa, nesse momento de globalização tão rápida, a exigir que a gente mude um pouco a geografia e a própria dinâmica da economia do mundo. Se nós analisarmos o que aconteceu no mundo em todo o século XX, nós vamos perceber que o mundo tinha a União Européia, altamente desenvolvida e crescendo; tínhamos o Japão, que teve um papel de crescimento extraordinário a partir da década de 50; tínhamos os Estados Unidos, que durante um século foram o país que determinou a economia do mundo; e nós tínhamos o restante do mundo, que envolvia China, Brasil, México, Índia e tantos países africanos, considerados países pobres, países do Terceiro Mundo. É importante lembrar que nós éramos o Terceiro



Mundo até outro dia.

A partir da década de 70, o gigante adormecido chamado China, acorda para um fato inusitado: estabelecer um misto de economia capitalista com a manutenção de um regime de governo em que o Estado tem muito poder para determinar as coisas. A China, ao acordar, estabelece regras de convivência com o mundo desenvolvido – eu me lembro de quando o Nixon determinou que a China seria a parceira estratégica dos Estados Unidos – e começa a mudar um pouco a cara do mundo. A China, para crescer o tanto que está crescendo, precisa comprar muito; ao mesmo tempo, para sobreviver, ela precisa produzir muito e também precisa vender muito. A China, hoje, é um país que detém 1 trilhão e 500 bilhões de dólares de reservas, o que não é pouca coisa e, talvez, um fato inusitado no mundo.

A Índia também dá um passo extraordinário e sai daquela condição de país extremamente pobre para uma economia em ascensão, também fazendo uma influência no chamado mundo ocidental. Sem falar da Rússia, com a queda do Muro de Berlim, que entra também neste mundo em que o mercado tem um poder muito forte. E o Brasil continuava sendo chamado de país de Terceiro Mundo. Qual é a lógica que nós estamos vivendo hoje? A lógica que estamos vivendo hoje é que ainda não ficamos ricos, nem China, nem Índia, nem Brasil, nem África do Sul, nem México, nem Indonésia, nem outros países asiáticos. Ainda não viramos países ricos, mais ou menos iguais à França, Alemanha, Estados Unidos ou Japão.

Mas a verdade é que nenhuma decisão econômica, hoje, no mundo é tomada sem levar em conta a existência de uma coisa à qual deram o nome de Bric's: China, Índia, Brasil, Rússia, África do Sul, e outros países importantes que eram considerados países periféricos. Qual é o desafio que nós temos agora, companheiro José Sérgio Gabrielli, companheiros ministros? Nós estamos vivendo um momento, nesses países chamados de Bric's e em outros países menos importantes do ponto de vista da população e do ponto de vista



do crescimento econômico, em que o povo está tendo acesso a benefícios que não tinha antes, ou seja, tem mais gente comendo no mundo, tem mais chinês comendo na China, tem mais indiano comendo na Índia, tem mais brasileiro comendo no Brasil, tem mais latino-americano comendo na América Latina e no Caribe, tem mais africanos comendo. A África está aprendendo a consolidar um processo democrático, e também está aprendendo que só pode dar o salto de qualidade que precisa, se houver democracia e paz, porque em guerra não é possível nenhum país se desenvolver.

Hoje, se andar em qualquer país da África, você encontrará chineses. Eu acabo de vir de Gana, e nas ruas de Gana você já encontra chineses fazendo negócios. Não é à toa que o Hu Jintao passou dez dias viajando pela África. Quando eu fiz a primeira viagem à África, algumas pessoas, no Brasil, faziam críticas dizendo: “o que o presidente Lula vai fazer na África?” A Petrobras, certamente, nem olhava para a África. A Petrobras adorava olhar para o Norte, também. Era um certo desprezo ou falta de visão de que nós precisávamos descobrir um mundo desconhecido que até então tinha sido pobre, porque não tinha tido a chance de ter uma participação ou de receber benefícios tecnológicos, que somente os países ricos tinham.

Na medida em que começa a melhorar a situação, todos começam a crescer e todo mundo começa a comer, nós temos um problema que eu não acho grave, que é a subida do preço dos alimentos. Mas esse é um desafio, e não pode ser encarado como uma coisa desastrosa para nós, porque, no caso do Brasil, no caso do Continente Africano, é a chance que nós temos de fazer mais uma revolução agrícola. Nenhum país tem a quantidade de sol, por ano, que tem o Brasil, a quantidade de água, a quantidade de terra agricultável e a quantidade de gente que sabe trabalhar no campo.

Portanto, nós poderemos fazer com que, não só o Brasil produza mais... Ontem eu tive uma belíssima informação: o Brasil cresceu 8% sobre o ano passado, na safra de grãos, que já tinha sido recorde histórico. Nós, agora,



saímos para 142 milhões de toneladas de grãos. Poderemos chegar a 150, 160 ou 180, mas o importante é que o Brasil, a China, a Índia e outros países utilizem o potencial que têm para ajudar os de baixo a crescerem, ajudar para que haja uma dinâmica no mundo em que, na medida em que os pobres comecem a consumir, os ricos não perderão com isso, os ricos vão vender coisas mais trabalhadas, manufaturados, produtos mais elaborados. Mas o pobre vai ter emprego, salário, vai virar consumidor e, portanto, o mundo tende a melhorar.

Por que eu estou dizendo tudo isso? Porque houve um tempo em que o Brasil – talvez na China e na Índia tenha acontecido o mesmo – se conformou, durante muito tempo, em ser pobre. Nós estávamos conformados de que nascemos para ser pobres. Olhávamos para os Estados Unidos com inveja, olhávamos para a Europa deslumbrados com o crescimento, quando os carros chegavam aqui, o modelo novo do Brasil já estava sendo usado há 20 anos no país de origem e a gente se contentava com isso.

Desde o tempo do movimento sindical, eu sempre acreditei que o homem é capaz de fazer tudo aquilo que se dispõe a fazer. Eu acho que a capacidade do ser humano é ilimitada. Ele pode fazer, infinitamente. Coisas que em um primeiro momento pareciam impossíveis de serem feitas, o homem é capaz de fazer.

Pois bem, o Brasil vive hoje um momento, eu diria – tem gente que não gosta que eu diga isso – mas o Brasil vive um certo momento de magia, é uma magia. Eu tenho dito para todo mundo, José Sérgio, que eu nunca trabalhei com a idéia de que o Brasil devesse fazer a loucura de crescer 10% ou 15% ao ano, como nós já crescemos aqui na década de 70. Eu trabalho com a idéia de que a gente possa crescer 4,5%, 5%, 5,5%, 6%, mas que a gente cresça durante um longo período, porque nesse crescimento de um longo período, a gente vai construindo as bases sólidas de um País altamente industrializado, para que a gente não retroceda quando acontecer uma crise asiática ou uma



crise em qualquer outro lugar do mundo. E a experiência que nós estamos vivendo agora é que a crise americana ainda não resvalou no Brasil.

Não sei se vocês acompanham a imprensa diária, o risco-Brasil, o risco não sei das quantas. Eu fico abismado de ver que o risco americano é zero. Está em uma crise desgraçada e não tem risco. Aumenta o risco do Brasil, o risco da Rússia e os americanos, que estão entupidos de dívida, até aqui, têm risco zero. É uma invenção das empresas que medem risco, na minha opinião. Mas de qualquer forma, esses dias, reconheceram o Brasil como um país altamente desenvolvido. Eles inventaram um nome bonito, chamado “*investment grade*”, minha língua nem dobra direito para falar o *grade*, mas é o nome que eles dão, a gente vai aprendendo, vai sofisticando.

Outro dia eu perguntei para o Celso Amorim: o que é isso? Ele falou: “Isso se chama grau de investimento”. Eu não entendi nenhum dos dois. Mas eu sei que uma coisa está clara nessas palavras difíceis: é que o Brasil virou mais sério, o Brasil adquiriu responsabilidade. E eu faço uma comparação para o povo entender: o Brasil é como se tivesse dois homens trabalhando com as suas famílias, e um fosse responsável, levasse o dinheiro para casa, pagasse as suas dívidas, comprasse a roupa necessária, a comida necessária e ainda guardasse um pouquinho de dinheiro; e o outro recebia o pagamento, ia para uma mesa de *snooker* e perdia o pagamento em uma mesa de *snooker*, a mulher gastava mais do que o marido ganhava. Esse nunca vai ter “*investment grade*”. Agora, aquele que cuida bem da família – é o que o Brasil está fazendo. Nós resolvemos cuidar bem deste País, sabendo que tem uma dificuldade, sabendo que as coisas não são fáceis.

A palavra correta para um governante não deveria ser a palavra governar, a palavra correta deveria ser: eu fui eleito para cuidar deste País, eu fui eleito para cuidar do povo deste País. Seria mais bonito do que dizer: eu fui eleito para governar. Cuidar, aumenta a nossa responsabilidade. Cuidar de quem, cara pálida? Cuidar daqueles que já estão cuidados, daqueles que já



têm muito dinheiro, daqueles que já chegaram à universidade, daqueles que têm o carro que quiserem ou cuidar daqueles que ainda não tiveram a chance neste País? Esse é o desafio.

Então, quando eu venho aqui, muita gente poderia perguntar: “Por que o Presidente sai de Brasília e vai a Catu, a Pojuca, fazer um pingo de solda?” Eu não fiz a solda, por responsabilidade, para cuidar do emprego do soldador, porque vai que eu faça uma solda melhor do que ele, e a Petrobras me oferece um salário melhor do que o de presidente, eu sou obrigado a vir trabalhar como soldador na Petrobras.

Pois bem, quando eu venho a um negócio como este, na verdade é uma coisa simbólica que eu faço, porque gerar 7 mil empregos significa 7 mil e 500 pessoas levando, no final do mês, um salário para casa; significa 7 mil e 500 famílias podendo comprar o que comer, o que vestir, e quem sabe até fazer investimento em alguma coisa: comprar um carrinho, uma geladeira nova, uma televisão. Na medida em que tem 7 mil e 500 pessoas trabalhando e ganhando salário, vai ter uma lojinha a mais para vender mais uma coisa, vai aparecer mais um comércio, ou seja, você cria um dinamismo na cidade, que é uma coisa excepcional, sobretudo se a gente aprender a contratar os trabalhadores da região, a educá-los. É uma coisa ainda difícil, porque quando a gente contrata uma empresa – e está aqui o companheiro da Abdib – normalmente ela leva quase que a estrutura dela para fazer uma obra. Na verdade, a gente deveria, um tempo antes, preparar a mão-de-obra local, qualificá-la, porque é muito difícil para um companheiro ver alguém de fora chegar à sua cidade e trabalhar, e ele, da cidade, continuar desempregado e passando necessidade.

Obviamente que somos todos brasileiros, todos temos o direito de trabalhar em qualquer metro quadrado dos 8 milhões e meio de quilômetros quadrados, mas é preciso que a gente saiba que o jeito de a gente ajudar as cidades a se desenvolverem, é cuidar, com carinho, para fortalecer o desenvolvimento local, mesmo com um empreendimento da envergadura



deste, do Gasene, de quase 3 bilhões de reais, mais de 1 bilhão e 500 milhões de dólares.

Então, quando a Petrobras toma essa decisão e eu venho aqui, nós estamos dizendo o seguinte: o Brasil quer se transformar numa grande nação, o Brasil quer deixar de ser um país periférico, o Brasil quer se transformar numa nação economicamente forte, socialmente muito justa e, ao mesmo tempo, o Brasil quer se transformar numa nação com alto grau de conhecimento científico e tecnológico. Para isso, nós precisamos investir numa outra coisa, que é a educação, uma educação de qualidade, uma educação forte, para que a gente possa, não daqui a um mês, mas daqui a alguns anos, ter uma geração de brasileiros e brasileiras bem-formados, bem-estruturados tecnologicamente e cientificamente, para que a gente possa valorizar o preço da mão-de-obra e não deixar o preço tão pequeno como é hoje no Brasil.

Com um empreendimento destes, nós estamos dando um outro sinal: nós não queremos mais que o Nordeste brasileiro seja comparado ao Sul do País como o primo pobre. O Brasil precisa ser administrado de forma competente por presidentes que tenham noção da grandeza do Brasil, da diversidade econômica e cultural deste País, e que contribuam para que o desenvolvimento seja equânime. Ninguém quer diminuir São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Rio Grande do Sul. Ninguém quer diminuir nada. O que nós queremos é que seja dada, ao Nordeste, tanto do ponto de vista das universidades, da formação de especialistas, como dos investimentos, a mesma oportunidade que já tiveram, na década passada, outras regiões mais ricas do País.

E é isso que nós viemos fazer aqui. Eu já vim a Catu, prefeita, na década de 80, já passei aqui. Eu tinha até um segurança aqui chamado comandante Zero, que era uma homenagem ao comandante Zero, da Nicarágua. Então, eu vejo a sua alegria, vejo a alegria do prefeito de Pojuca, e vejo que as coisas começam a andar. Agora, pasmem: o Brasil não será o país



que nós queremos ser se não houver, da parte do governo, da parte de cada homem e de cada mulher, essa determinação. Isso é determinação, isso não é apenas vontade. Às vezes, você tem vontade e as coisas não andam. Um gasoduto como este, tomamos a decisão em 2004 e demorou 3 anos e meio para a gente vir aqui, quase 4 anos. Então, nós que queremos um Brasil mais forte, que criamos o PAC em 2007, que estamos revolucionando um pouco este País e sabemos que todos os investimentos que estamos fazendo vão durar até 2010 e 2012, vemos aqui no Gasene uma grande expectativa para o Nordeste brasileiro. Não é só o gasoduto, por aqui vai passar gás, mas atrás virá uma indústria ou muitas indústrias.

A Bahia criou um pólo petroquímico na década de 70 e de lá para cá pouco investimento foi feito no pólo petroquímico. É preciso que as pessoas e que a gente convença os empresários a reinvestirem no pólo petroquímico da Bahia, porque o Nordeste todo, da Bahia até o Piauí ou até o Maranhão, precisa de investimentos massivos. Aí é que entra a nossa querida Petrobras, de tomar as decisões, não pensando apenas na relação custo-benefício para a empresa. Se tem uma coisa que precisa ser dedicada pela Petrobras, é que ela tem que ter o mesmo amor ao Brasil, que todos nós temos pela Petrobras. A Petrobras é a menina de ouro dos nossos olhos. Então, a Petrobras precisa pensar sempre, não no lucro que ela vai ter, mas no benefício que ela vai criar neste País. Se não for assim, a gente não consegue desenvolver. Da mesma forma, o Banco do Brasil e a Caixa Econômica não podem pensar só no lucro, é preciso que essas instituições poderosas que nós mesmos criamos pensem um pouco na repartição daquilo que elas são capazes de produzir.

Meu querido companheiro José Sérgio, eu me lembro que quando eu fui indicar você para presidente da Petrobras... eu fui indicar o José Sérgio para diretor financeiro da Petrobras e naquele meu gabinete lá em Brasília eu ouvi muitas vozes dizendo assim: "O mercado não vai gostar, o mercado não vai aceitar, o mercado vai chiar". É engraçado, porque eu ganhei as eleições sem



pedir voto para o mercado, eu pedi voto para o povo, como é que eu não poderia indicar o tesoureiro da Petrobras?

Indiquei o companheiro José Sérgio, um ano depois ele já foi escolhido e premiado como o diretor financeiro mais premiado de todas as empresas de petróleo, altamente qualificado. Aí, todo mundo que dizia: “O mercado não vai aceitar”, voltava e falava assim: “Ele é competente, esse cara é bom, esse cara não sei das quantas”. Bem, eu resolvi indicá-lo para presidente da Petrobras. O companheiro José Eduardo Dutra ia candidato a senador e eu resolvi indicar o José Sérgio Gabrielli. Eu confesso a vocês que eu não sei, não conheci os outros presidentes da Petrobras, mas eu duvido que em algum momento a Petrobras tenha tido um presidente da qualificação técnica e humana que tem o companheiro José Sérgio Gabrielli.

Quando ele tenta fazer alguma coisa errada, a Dilma Rousseff é presidenta do Conselho da Petrobras, então ela trata de enquadrá-lo. Se não foi enquadrado dentro do Conselho, a gente é obrigado a chamar no meu gabinete para enquadrá-lo. Porque de vez em quando esses meninos... Veja esse negócio da Petrobras, eu queria fazer um desse aqui para fazer a reforma do Palácio do Planalto, eu preferia ter um desses aqui na Praça dos Três Poderes. Quando eu vou a um ato da Petrobras e vou a um outro ato qualquer... eu vou a um ato do coitado do Wagner agora, não tem 10% dessa chiqueza que tem aqui. Então, a Petrobras é aquela namorada ou aquele namorado que todo mundo queria ter.

Eu quero dizer para vocês que é um orgulho imenso trabalhar com esse companheiro da Petrobras. Acho que não tem um brasileiro que não tenha motivo de ter orgulho da Petrobras. A gente já tinha antes da camada pré-sal, imaginem agora com a camada pré-sal, que a gente ainda não sabe quanto tem, mas a gente pensa. Vocês sabem o que cada um de nós pensa. Imaginem o que tem lá embaixo, imaginem quando a gente começar a explorar isso em benefício do povo brasileiro, porque nós precisamos reparar os erros



do passado. Uma parte dessa riqueza tem que ficar para fazer os pobres crescerem neste País, não pode ser sempre para os mesmos. Nós precisamos pensar, temos tempo pela frente para a gente falar: como é que a gente vai fazer com que esse petróleo que está lá embaixo possa fazer com que o mais humilde dos baianos, que está morando na caatinga ou em uma palafita, possa receber os benefícios dessa grande descoberta que fez a nossa querida Petrobras?

Quando Deus colocou a camada pré-sal aqui, é como se fosse um brinquedo de esconde-esconde. Nós levamos milhões de anos para descobrir. Deus falou o seguinte: “O petróleo da Petrobras, da camada pré-sal, não é para ajudar o presidente da Petrobras, o presidente da República ou os empresários, não”. É preciso que o povo pobre sinta na sua alma que desta vez a riqueza que nós estamos produzindo vai gerar o pão de cada dia, a escola de cada dia e o emprego de cada dia que todos nós merecemos, temos direito e vamos conquistar.

Parabéns, companheiro José Sergio Gabrielli. Parabéns à Sinopec, e que Deus nos ajude a encontrar ainda mais coisa depois do pré-sal.

Um abraço.

(\$211A)